

SABENÇA(S) DOS/AS LINGUISTAS POPULARES

WISDOM OF THE FOLK LINGUISTIC

Roberto Leiser BARONAS¹

Marinez Santana NAZZARI²

Resumo: Neste artigo, inicialmente apresentamos a classificação proposta por Marie-Anne Paveau (2005 e 2020) acerca das práticas linguísticas dos não linguistas. Essas práticas, segundo a autora francesa, formuladas a partir de uma primeira proposta de classificação perquirida por Brekle (1989), podem ser pensadas em quatro categorias: prescritivas, descritivas, intervencionistas e militantes. Na sequência, buscamos acrescentar a essas categorias mais duas: as práticas linguísticas sagradas e as práticas linguísticas profanas dos não linguistas. Nosso desejo é contribuir para a legitimação da Linguística popular no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Linguística popular. Práticas linguísticas sagradas. Práticas linguísticas profanas.

Abstract: In this article, we first present the classification proposed by Marie-Anne Paveau (2005 and 2020) about the linguistic practices of non-linguists. According to the French author, these practices, formulated from a first classification proposal by Brekle (1989), can be thought of in four categories: prescriptive, descriptive, interventionist, and militant. In the sequel, we seek to add to these categories two more: sacred linguistic practices and the profane linguistic practices of non-linguists. Our wish is to contribute to the legitimization of popular linguistics in the Brazilian context.

Keywords: Folk linguistic. Sacred linguistic practices. Profane linguistic practices.

¹ Docente da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos. E-mail: baronas@ufscar.br

² Doutoranda na UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: nazzari.mari@gmail.com

| Uma pequena nota de advertência³

Antes de entrar na ordem deveras complexa do discurso, para brincar seriamente com Michel Foucault, em sua aula inaugural no *College de France*, entendemos ser necessária uma pequena explicação acerca do termo *sabença*⁴, presente no título deste artigo. Esse termo segundo o *Dicio – Dicionário Online de Português* é a “reunião ou somatório de vários conhecimentos ou sabedoria”⁵. No dicionário eletrônico (meudicionario.org)⁶, pode-se ler ainda um segundo sentido para *sabença*, a saber, “bom senso”. Me parece que a linguística popular opera justamente com as *sabenças* produzidas pelos não linguistas acerca da sua língua e da língua dos outros. Essas *sabenças* podem ser de diversas naturezas: populares, eruditas e/ou uma mistura delas. Nesse caso, esse termo poderia ser entendido como uma palavra valise, que junta **sabedoria + crença: *sabença***. Cumpre destacar que por extensão sonora de sentido, é possível esgravatar ainda um quarto sentido para *sabença*, uma espécie de pedido de benção, *peço-lhe a bença: **s(u)abençã(o)***. É com esse último sentido, isto é, pedindo a benção dos não linguistas, justamente por reconhecer a grande contribuição para as ciências da linguagem dos seus saberes e fazeres (metalinguísticos, epilinguísticos e metadiscursivos), que iniciamos este artigo.

1. Primeiras palavras

De maneira diferente de outros domínios que se ocupam da língua, buscando construir esse objeto com base no seu uso e na reflexão sobre esse uso, a linguística popular se debruça sobre as práticas linguísticas dos não linguistas. Assim, enquanto os primeiros operam no âmbito do linguístico, o das práticas languageiras, a segunda trabalha no âmbito das percepções, das observações, das avaliações, das intuições, das atitudes e das crenças linguísticas, isto é, o que se inscreve na ordem discursiva do metalinguístico,

3 Versões bastante modificadas deste artigo foram apresentadas em *lives*, durante o seminário *Diversidade, discurso e ensino*, promovido pelo GEPEDTEC da Unifesp, em 29/04/2022, disponível em “Diversidade, Discurso e Ensino” - YouTube e na mesa redonda *03 Linguagem e resistência*, durante o Congresso Internacional de Letras – CONIL, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, em 18/08/2022, disponível em Mesa-redonda 03: “Linguagem e Resistência” - YouTube.

4 Como bom ladrão de palavras, tomo esse termo de empréstimo do livro homônimo *Sabença*, organizado por Maria Aparecida Moura, Maria das Dores Pimentel Nogueira e Terezinha Maria Furiati. O livro “*Sabença é uma iniciativa que toca nossas mentes e corações, pois trata de um processo de criação, produção, afeto, memória e formação tão importantes para a visibilidade, o reconhecimento e a multiplicação da cultura popular de uma região do estado de Minas Gerais [Vale do Jequitinhonha] tão rica em saberes e fazeres dos mais diversos*”. Disponível em Versão digital do livro *Sabença – Saberes Plurais* (ufmg.br)

5 Disponível em *Sabença - Dicio, Dicionário Online de Português*

6 Disponível em *Definição de *sabença* – Meu Dicionário* (meudicionario.org)

do epilinguístico e do metadiscursivo. Essas diferentes ordens são pensadas por Paveau (2020) enquanto práticas linguísticas prescritivas, descritivas, intervencionistas e militantes.

2. As práticas prescritivas

Esse tipo de prática é a mais comum na nossa sociedade e está presente desde alhures em diferentes ambientes: não digitais, pré-digitais e digitais. Trata-se de uma questão de falar “bem” ou “mal”, de falar uma “boa” ou uma “má” língua. As prescrições concernentes aos usos são atinentes a um normativismo forte, aliado ao purismo (condenação de empréstimos, de neologismos, da linguagem inclusiva etc.). Esse tipo de prática está ancorado frequentemente em duas das zonas mais instáveis da língua, o léxico e a ortografia. Em alguns países como a França, a ortografia é uma espécie de obsessão cultural nacional e permanece como uma potente ferramenta de segregação social. O léxico, por sua vez, é igualmente um lugar privilegiado de expressão da cultura elitista e, no caso brasileiro, nos parece que é também uma obsessão cultural nacional. Nesse sentido, é difícil de inventariar o sem-número de trabalhos que buscam recolher as palavras “raras”, “desaparecidas” ou “novas”, que devem ser cultivadas ou encontradas para alimentar a “riqueza da língua”⁷.

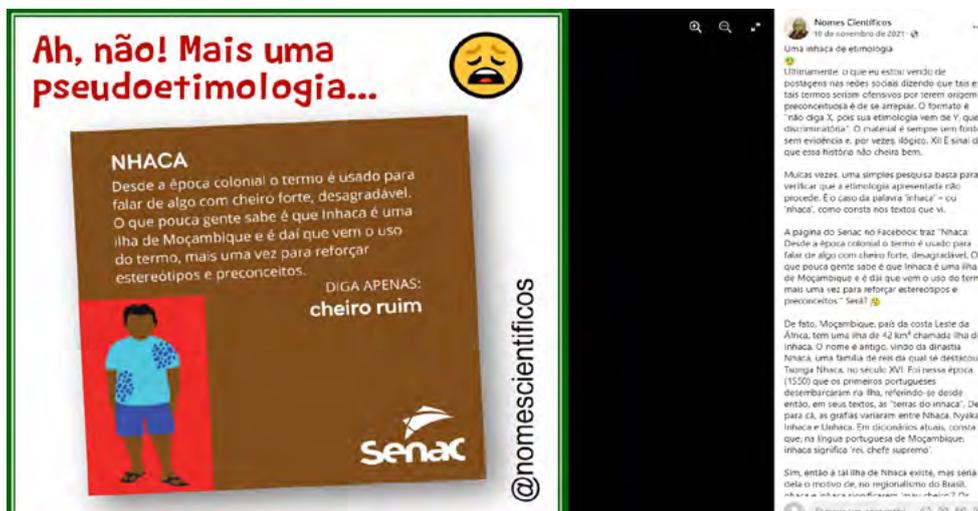
A forma típica do discurso prescritivo é a oposição entre “dizer” *versus* “não dizer”, que também encontramos manifestada textualmente em espaços que a princípio não se encarregariam dessas questões, como é o caso da rede social profissional LinkedIn⁸. Cumpre destacar que essas práticas prescritivas estão presentes também em espaços que a princípio extrapolariam os usos linguísticos, isto é, elas operam mais propriamente no âmbito do discurso do que no linguístico *stricto sensu*, uma vez que buscam corrigir

7 Como se pode ver na descrição do *link Novas Palavras* da Academia Brasileira de Letras – ABL: “A Academia Brasileira de Letras apresenta toda semana uma palavra ou expressão que passou a ter uso corrente na língua portuguesa, podendo ser um neologismo, um empréstimo linguístico ou mesmo um vocábulo que, apesar de já existir há algum tempo na língua, tem sido usado com mais frequência ou com um novo sentido nos dias de hoje. A criação, o uso e a difusão de uma nova palavra ou expressão vêm da necessidade que temos de nomear algo que faz parte da nossa realidade ou que nossa inteligência e percepção foram capazes de identificar com mais intensidade. Conhecer o significado de novas palavras enriquece nosso vocabulário e nos faz mergulhar na atmosfera intelectual em que vivemos. Mais do que isso, contribui para o pleno desenvolvimento de nossa capacidade de comunicação, amplia a compreensão que temos do mundo e nos torna aptos a identificar problemas, buscar soluções e sermos agentes de mudança em prol de uma sociedade mais humana, ética e justa”. Disponível em [Novas Palavras | Academia Brasileira de Letras](#)

8 A esse respeito ver os perfis de Dalva Corrêa (<https://br.linkedin.com/in/dalvacorrea>) e Meu Português Online (<https://www.linkedin.com/company/meu-portugues-online>). Ver a publicação de Viviane Quenzer e Lígia Mara Boin Menossi de Araújo intitulada: “O LinkedIn e os não-linguístas: reflexões a partir de uma visada discursiva”. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/12773/19278>.

cientificamente, por exemplo, a etimologia popular de certas expressões cujo uso reforça estereótipos e preconceitos em relação aos negros. Como se pode verificar na postagem a seguir, publicada nas redes sociais Facebook e Instagram, no perfil @nomescientificos.

Imagem 1 – Post publicado nas redes sociais Facebook e Instagram



Fonte: <https://www.facebook.com/senacsapaulo/photos/a.496190102806/10158132237017807/?type=3>

A postagem – “Ah, não! Mais uma pseudoetimologia...” – parte de um dos verbetes publicados na Cartilha “Palavras racistas?”⁹ questionando a etimologia popular da expressão *Nhaca*, que reforça um discurso estereotipado e preconceituoso em relação aos negros. A justificativa é a de que se trata de uma pseudoetimologia: “Não existe até o momento textos da época colonial que ligam o termo ‘inhaca’ no sentido de ‘cheiro ruim’ a qualquer pessoa dos Nhaca de Moçambique ou da ilha de Nhaca. Houve aí, sim, uma homonímia (grafias iguais) entre as duas palavras de origens diferentes”. Esse tipo de prática linguística/discursiva corretiva por mais bem intencionada que seja, especialmente num momento em que o negacionismo científico disputa com a ciência a busca por uma *vontade de verdade* (FOUCAULT, 1971)¹⁰ para além de elitista,

9 Este material, elaborado pelos GTs Humanidades e Para Elas, do Programa do Sistema Fecomércio-RS/Sesc/Senac de diversidade - Para Todos, faz um convite à reflexão e à mudança. Disponível em Cartilha-Palavras-Racistas.pdf (fecomercio-rs.org.br)

10 Segundo Foucault: “[é] claro que, colocando-nos, no interior de um discurso, ao nível de uma proposição, a partilha entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas, numa outra escala, se nos pusermos a questão de saber, no interior dos nossos discursos, qual foi, qual é, constantemente, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos da nossa história, ou, na sua forma muito geral, qual o tipo de partilha que rege a nossa vontade de saber, então talvez vejamos desenhar-se qualquer coisa como um sistema de exclusão (sistema histórico, modificável, institucionalmente constrangedor)” (grifo nosso).

pois desconsidera qualquer outro saber que não o científico, apaga todo o caráter político da etimologia popular. Como sabiamente nos diz Marie-Anne Paveau (2020, p. 30): “Esses saberes [populares] não podem ser nem refutados e nem comprovados [pois] funcionam como crenças que incitam a determinadas ações”. O enunciado-pergunta que abre a Cartilha *Palavras Racistas* materializa a asserção anterior de Paveau acerca do caráter performativo-político dos saberes populares¹¹:

VAMOS REPENSAR NOSSO VOCABULÁRIO? Estudos dizem que chegamos a pronunciar 20 mil palavras por dia. Mas você já parou para pensar no significado das palavras do nosso vocabulário? E em quantas vezes reproduzimos, mesmo sem querer, expressões e termos racistas ou que reforçam estereótipos?

3. As práticas descritivas

Essas práticas podem ser entendidas a partir de dois eixos. No primeiro, temos o conjunto de descrições e, no segundo, o das pré-teorizações linguísticas do funcionamento da língua, muito fortemente embasada pelas percepções e pelas observações empíricas. As primeiras engendram vereditos do tipo “isso não é português” (no sentido de que o “isso” não é correto linguisticamente falando) ou julgamentos de adequação entre os nomes e as coisas (por exemplo, “esse nome não é satisfatório”) ou “diga o que isso significa”. No nosso cotidiano, esse tipo de atividade está permanentemente presente nas falas de todos os locutores: apreciações sobre as palavras, expressões, acentos, maneiras de falar. Esse tipo de atividade descritiva está muito presente no digital. Nesse ambiente, encontramos centenas de páginas tratando do valor estético das palavras: feias, bonitas, ofensivas, fortes, por exemplo: no *site do Dicio – Dicionário Online de Português*, encontramos, por exemplo, “As 25 palavras mais feias da língua portuguesa”¹², as que supostamente deveriam ser banidas da língua”. As dez primeiras são escroque, catarro, escracho, prurido, esculacho, furúnculo, conspurcar, escravocrata, defenestrar e caxumba. A não ser por uma certa dificuldade de pronúncia de alguns vocábulos (prurido, conspurcar e defenestrar – uma espécie de trava-língua) essa sequência não apresenta nenhuma lógica, nenhum ponto em comum, nenhuma regularidade discursiva. Entendemos que se trata de percepções subjetivas da parte dos redatores.

As pré-teorizações, por sua vez, buscam descrever certos fenômenos linguísticos com base em observações empíricas. A partir de um aguçado senso de observação, certos não linguistas descrevem fatos linguísticos, elaborando verdadeiros estudos sistemáticos sobre esses fatos. Um exemplo lapidar dessa prática é a *Gramatiquinha da*

11 Mais à frente, na apresentação das práticas militantes, ampliaremos essa discussão.

12 Disponível em *As 25 palavras mais feias da língua portuguesa - Dúvidas de Português no Dicio*.

*fala brasileira*¹³, do escritor Mário de Andrade. Trata-se de um conjunto de ensaios sobre a fala brasileira, ancorado numa concepção variacionista de língua arrojada para a época (início do século XX) e que foi elaborado por Andrade com base em variadas fontes. O escritor, segundo Almeida (2022, p. 27), “recolhe exemplares da língua nacional nos estudos de filólogos e gramáticos, nos cronistas viajantes, nas cartas de amigos ou de desconhecidos, nas canções populares, nas obras de poetas, romancistas e cordelistas, nos trabalhos de campo, ou seja, nas oitivas”.

Ainda que durante a vida do escritor os originais d’*A gramatiquinha* não tenham logrado publicação pelo seu inacabamento e, por conseguinte, permanecido arquivados – no primeiro momento na casa do escritor e, posteriormente, a partir de 1968, no IEB-USP –, não são papéis que simplesmente foram engavetados e esquecidos. Trata-se de uma “obra em preparo”, um *work in progress* que o acompanhou até seus anos finais. Em decorrência das incorporações documentais, sugere-se que houve uma consulta permanente ao material reunido, uma vez que se configura uma espécie de inventário de formas linguísticas que está à disposição do pesquisador. (ALMEIDA, 2022, p. 19).

13 Em maio deste ano, por ocasião das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, a Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, juntamente com o Instituto Guimarães Rosa, com a organização de Aline Novais de Almeida e colaboração de Ataliba de Castilho, Lívia Rivello Baranda Kimori e Sérgio Rodrigues, publicou este importante conjunto de manuscritos de Mario de Andrade sobre a fala brasileira. “Para o estabelecimento do texto, [a] edição tomou como texto-base o manuscrito d’*A gramatiquinha* da fala brasileira, localizado na série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Além disso, cotejou os originais com a dissertação de mestrado *Edição genética d’A gramatiquinha fala brasileira de Mário de Andrade*, de Aline Novais de Almeida, defendida em 2013 na FFLCH-USP, sob orientação de Telê Ancona Lopez”. O livro está disponível em Biblioteca Digital da Fundação Alexandre de Gusmão (funag.gov.br)

Imagem 2 – Capa do livro *A gramatiquinha da fala brasileira* de Mário de Andrade



Fonte: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-1187>

4. As práticas intervencionistas

Os não linguistas propõem também intervenções sobre a língua. Trata-se de proposições frequentemente espontâneas, geralmente regularizantes e destinadas a facilitar os usos linguísticos, tornando-os mais acessíveis. No português brasileiro, há inúmeros termos ou expressões que foram introduzidos inicialmente por determinados grupos sociais e que com o desenrolar do tempo passaram a ser utilizados por uma comunidade maior. Um bom exemplo é o termo “sipá”, criado inicialmente pelos jovens no início dos anos 2000, a partir da partícula “se” + o elemento “pá” e que significa *talvez, quem sabe* e é muito utilizado atualmente por diferentes grupos sociais. O *print* a seguir retirado do *Dicionário Colaborativo InFormal*¹⁴ atesta a nossa asserção:

¹⁴ Disponível em Sipá (dicionarioinformal.com.br).

Imagem 3 – Print do termo “sipá” no Dicionário InFormal

Sipá

4 Definições encontradas.

Definições Sinônimos Antônimos Relacionadas Exemplos Flexões Rimas Reversa

1. Sipá

Significado de Sipá Por Furtado (SP) em 28-12-2008

Abreviação para "se bobear";
"se for possível", "talvez", etc.

Sipá apareço naquela festa

Sipá ateh pego aquela mina

80 7

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/sip%C3%A1/#:~:text=Forma%20abreviada%20de%2022se%20p%C3%A1,Voc%C3%AA%20vai%20C3%A0%20festa%3F>

Outra expressão criada pelos jovens desta vez no ambiente digital na primeira dezena dos anos 2000 e que passou a ser utilizada por diferentes grupos é “só que não”. Essa expressão geralmente aparece no final das frases ou textos para desdizer o que acabara de ser dito, geralmente com um sentido de ironia ou sarcasmo. Ultimamente essa expressão tem aparecido nas postagens das redes sociais em forma de abreviatura “sqn”. “Vou pra Paris, sqn”.

Imagem 4 – Print da definição da expressão “só que não”¹⁵

Só que Não | Expressão

🏠 / Expressões / Só que Não | Expressão

Expressões

Qual o significado de **só que não**? A expressão idiomática **só que não** tem um sentido cultural que pode ser considerada figurativa, gíria ou de contexto popular.

Significado de só que não

_ expressão irônica usada para desdizer o que se acabou de dizer

Referências

Expressão composta pelos vocábulos: só, que, não.

Uma expressão idiomática ou “idiotismo” é um conjunto de duas ou mais palavras que se caracteriza por não ser possível identificar o seu significado mediante o sentido literal dos termos.

Fonte: <https://portuguesalettra.com/expresoes/so-que-nao-expressao/>

Essas intervenções frequentemente são chamadas de “erros” pelos defensores da abordagem normativa e purista. Todavia, a abordagem da linguística popular analisa esses fenômenos de outra maneira. Com efeito, para Marie-Anne Paveau (2020, p. 31) os saberes populares sobre a língua “não são necessariamente crenças falsas, equivocadas a serem eliminadas da ciência”, mas, pelo contrário, representam “saberes perceptivos, subjetivos e incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística”.

5. As práticas militantes

Praticamente em todas as culturas, existe um estereótipo bem difundido: o da palavra como arma capaz de machucar ou mesmo de matar. Encontramos, em diferentes países, por exemplo, muitos provérbios sobre esse tema: “As adagas que não estão nas mãos podem estar nas palavras” (Inglaterra); “As flechas perfuram o corpo e as palavras más perfuram a alma” (Espanha); “As feridas da língua são mais perigosas do que as das espadas” (mundo árabe); “A espada tem dois gumes, a língua tem cem” (Vietnam). Há ainda uma extensa lista de provérbios bíblicos que asseveram além desse caráter bélico da língua o seu caráter edificante: “O que guarda a boca e a língua guarda sua alma das angústias”; “O Senhor nos concedeu um órgão capaz de dar vida ou de levar à morte: a língua”; “Prata escolhida é a língua do justo, mas o coração dos perversos vale muito pouco. Os lábios dos justos apascentam a muitos, mas, por falta de senso, morrem os tolos”.

15 Disponível em [Só que Não | Expressão | Português à Letra \(portuguesalettra.com\)](https://portuguesalettra.com/expresoes/so-que-nao-expressao/)

O militância social ou política é baseado em um discurso sobre as palavras, geralmente, esse discurso se posiciona à distância (AUTHIER-REVUZ, 1998) de tudo o que pode remeter a sentidos estereotipados e preconceituosos em relação a determinados grupos sociais, especialmente os mais invisibilizados. Na Análise do Discurso, vários trabalhos recentes sobre o gênero mostraram a centralidade das práticas linguísticas populares nos discursos que se desenvolveram nos debates em torno do casamento de pessoas do mesmo sexo (HUSSON, 2018) ou em discursos sobre intersexualidade (MARIGNIER, 2016). Na maioria dos ativismos, encontramos reflexões sobre quais palavras usar ou não usar, sobre as maneiras de falar ou sobre as formas do debate. O dicionário ou léxico é quase um elemento obrigatório de todo ativismo, e o advento da internet reforçou essa prática lexicográfica. Apresentamos a seguir dois exemplos, um no contexto do militância antirracista, proposto pela autora Grada Kilomba em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019) e o outro nos debates engendrados pela cantora Anitta, sobre os sentidos do verbete *patroa* no *Dicionário do Google* (2020).

Na carta de Kilomba (2019, p. 14) à edição brasileira de seu livro, ela nos diz:

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, de fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana*.

Depois dessa advertência acerca da dimensão política da língua de criar, de fixar e perpetuar relações de poder e de violência, Kilomba elabora uma espécie de glossário de termos, que, segundo ela, por possuírem usos problemáticos em língua portuguesa, merecem novas terminologias. Transcrevemos aqui dois desses termos:

[Sujeito] No original em inglês, o termo *subject* não tem gênero. No entanto, a sua tradução corrente em português é reduzida ao gênero masculino – o *sujeito* – sem permitir variações no gênero feminino – a *sujeita* – ou nos vários gêneros LGBTQIA+ - *xs* – *sujeitxs* -, que seriam identificados como erros ortográficos. É importante compreender o que significa uma identidade não existir na própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro. Isto revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias. Por esta razão opto por escrever este termo em itálico: *sujeito*. (KILOMBA, 2019, p. 15).

[Escravidada/o] Na minha escrita uso o termo “*escravizada/o*”, e não “*escrava/o*”, porque “*escravizada/o*” descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto *escrava/o* descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas. No entanto, o termo aparece por vezes de forma figurativa; nesses casos, opto por escrevê-lo em itálico: *escravo*. (KILOMBA, 2019, p. 20).

Em setembro de 2020, a cantora Anitta, indignada com os sentidos do verbete patroa – *mulher do patrão e dona de casa* – dispostos no *Dicionário do Google*, desencadeou em suas redes sociais todo um movimento para a mudança desses sentidos. À época disse Anitta: “Mano do céu, inacreditável. Não estou acreditando que isso está no nosso dicionário”. Dada à repercussão muito negativa, gerada pelas críticas da cantora brasileira, o buscador, uma semana depois, alterou os sentidos de patroa para “proprietária ou chefe de um estabelecimento privado comercial, industrial, agrícola ou de serviços, em relação aos seus subordinados, empregadora, chefe de uma repartição pública”. Tão logo o buscador alterou os sentidos, a cantora comemorou em suas redes sociais:

Imagem 5 – Print da publicação da cantora Anitta em uma rede social sobre a mudança nos sentidos no verbete *patroa*



Fonte: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/09/apos-critica-de-anitta-definicao-de-patroa-no-dicionario-do-google-e-alterada.shtml>

Como se pode constatar nos exemplos arrolados, essa prática linguística de manter à distância certas palavras e expressões, que podem remeter a sentidos estereotipados e preconceituosos em relação a determinados grupos sociais, especialmente os mais invisibilizados, tem uma dimensão política e ética. Pode parecer cair na prescrição

e pode ser considerada como um “diga” versus “não diga”, como em muitos sites e perfis normativistas e puristas, que se debruçam sobre usos linguísticos e de fato aparentemente tem essa forma (PAVEAU, 2020). Mas o que a diferencia é o objetivo político-emancipatório, isto é, o objetivo de instaurar a dignidade do negro, ou das mulheres, ou de qualquer outro coletivo minorizado. Propor uma ética da língua, refletindo sobre a sua virtuosidade¹⁶ (PAVEAU, 2015), é nisso que se diferencia de uma simples prescrição normativa, ligada à correção da linguagem. Nesse sentido, é possível asseverar que as práticas militantes são a contraparte das práticas prescritivas. Enquanto as segundas defendem a preservação de determinados valores sociais, as primeiras buscam justamente subverter tais valores.

6. As práticas sagradas

As práticas linguísticas sagradas dos não especialistas partem da concepção muito antiga de que algumas pessoas eleitas ainda mantêm uma comunicação direta com Deus por meio de uma língua perfeita, inequívoca e divina. Com efeito, desde as idades mais remotas até a Renascença, acreditava-se que a perfeição ter-se-ia manifestado na língua adâmica, falada no Jardim do Éden, e a única de origem divina. Todas as outras seriam apenas formas decadentes, advindas da catástrofe da Queda e da punição pela ousadia humana da construção da Torre de Babel, instaurando uma espécie de desgraça engendrada pela diversificação das línguas. A preocupação com a multiplicidade das línguas, desde que se estabeleceu a *confusio linguarum* e passou a reinar a confusão babélica, bem como a tentativa de descobrir ou inventar uma língua comum a todo o gênero humano, não é uma exclusividade europeia, mas perpassa a história de todas as culturas. Nesse sentido, alguns eleitos por Deus ainda mantêm a língua perfeita¹⁷ e se comunicam diretamente com Ele ou por meio do Espírito Santo.

Um recente episódio no contexto político brasileiro é exemplar dessa prática linguística sagrada dos não especialistas. Referimo-nos aqui ao uso de diversas línguas pela primeira-dama brasileira Michelle Bolsonaro, quando da escolha do evangélico André Mendonça, para uma vaga de Ministro no Supremo Tribunal Federal – STF, em dezembro de 2021. Na ocasião Michelle, bastante emocionada levanta os braços e enuncia “Glória à Deus”, dá pulos de contentamento, fala “aleluia” e produz enunciados numa língua estranha, incompreensível para os que estavam no evento, logo após abraça o novo juiz da Suprema Corte brasileira.

16 Segundo Marie-Anne Paveau em seu livro *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas* (2015), as relações entre ética e linguagem, que envolve a dimensão moral dos enunciados, precisa refletir sobre aquilo que é ofensivo, emancipador, imoral ou moral, correto ou incorreto do ponto de vista político, histórico e ideológico.

17 A ideia de que alguma vez existiu uma linguagem que expressasse de forma perfeita e inequívoca a essência de todas as coisas e conceitos possíveis ocupou as mentes dos filósofos, teólogos e místicos por pelo menos dois milênios. Em seu livro *A busca pela língua perfeita: na cultura europeia* (2018), Umberto Eco investiga esse projeto utópico de se descobrir uma língua original, perfeita e única para todo o gênero humano.

Segundo a doutrina pentecostal, quando uma pessoa recebe uma forte presença do Espírito Santo, uma das formas de expressar contentamento por essa presença é começar a falar em outras línguas. “Aquele que fala línguas, fala com Deus, mas não com os outros, visto que os outros não poderão entendê-lo...” (I CORINTIOS, 2008, p. 1.477). A princípio poderíamos dizer que o episódio do uso das diversas línguas por Michelle Bolsonaro não se enquadraria no que Paveau (2020) entende por práticas linguísticas e seriam sim práticas languageiras. No entanto, o uso de diversas línguas na doutrina pentecostal possui um valor metadiscursivo. Trata-se da maneira que o fiel encontra para expressar contentamento pela forte presença do Espírito Santo e se aproximar de Deus. Se nas práticas linguísticas militantes temos os sujeitos se posicionando à distância de certas palavras ou expressões, uma vez que podem remeter a sentidos estereotipados e preconceituosos em relação a determinados grupos sociais, no caso das práticas sagradas, temos justamente o contrário, isto é, os sujeitos buscando se aproximar de uma língua que seria perfeita inequívoca, divina.

7. As práticas profanas¹⁸

As práticas linguísticas profanas são uma espécie de contraparte das práticas linguísticas sagradas e remontam também a tempos imemoriais. Elas estão ancoradas no imaginário social de que existem objetos (materiais e simbólicos) e pessoas sagradas e que por conta dessa sacralidade, esses objetos e pessoas não podem ser violados.

A grande repercussão do episódio do Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sérgio Von Helder, que chutou em um programa de televisão, da TV Record, *Palavra de Vida*, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, justamente no dia da Padroeira do Brasil, em 12 de outubro de 1995, é lapidar da existência desse imaginário de sacralidade, no contexto brasileiro. Por conta da rápida repercussão negativa, Von Helder foi transferido pela direção da Igreja Universal para os Estados Unidos. Anos mais tarde, desligou-se da Igreja Universal do Reino de Deus.

Especificamente no âmbito das práticas linguísticas profanas, temos um outro episódio emblemático ainda em curso no contexto político brasileiro. Trata-se do Projeto de Lei (PL 2/2019), que proíbe o uso supostamente indiscriminado do nome ou expressão *Bíblia Sagrada* em qualquer publicação impressa e/ou eletrônica com conteúdo (livros, capítulos e versículos). O PL, até o momento em tramitação na Câmara dos Deputados, é de autoria do Pastor Sargento Isidório (AVANTE-BA). A seguir, printamos uma matéria da própria Câmara dos Deputados sobre o PL 2/2019.

18 Trabalhamos aqui com uma acepção distinta da que Paveau (2020) emprega ao conceituar a prática linguística profana. Para a autora francesa, *profana* é sinônimo de leigo, para nós é sinônimo de algo ou alguém que deturpa a santidade das coisas.

Imagem 6 – Print da postagem da Câmara dos Deputados sobre o PL 2/2019

Projeto restringe uso da palavra 'bíblia' em publicações impressas ou eletrônicas

Proposta em análise na Câmara dos Deputados prevê pena de até 5 anos de reclusão para quem usar a palavra 'bíblia' fora do contexto das religiões cristãs

14/02/2019 - 14:28

O Projeto de Lei 2/19 proíbe o uso indiscriminado da palavra "Bíblia" ou da expressão "Bíblia Sagrada" em publicações impressas ou eletrônicas. Segundo o texto, essas palavras só poderão ser usadas para se referir aos livros, capítulos e versículos considerados sagrados pelas religiões cristãs.

Pela proposta, o descumprimento da medida sujeitará o infrator às penas previstas para os crimes de estelionato (reclusão de 1 a 5 anos) e ofensa a culto religioso (detenção de 1 mês a 1 ano).

Autor do projeto, o deputado Pastor Sargento Isidório (Avante-BA) afirma que a proposta pretende evitar que alguns segmentos sociais, "intolerantes com a manutenção da verdade religiosa", passem a utilizar as palavras "Bíblia" e "Bíblia Sagrada" para se referir aos seus próprios livros de ética.

"Queremos prevenir mais uma violência contra os cristãos brasileiros. É o caso da polêmica do livro em edição que se especula chamar bíblia gay. Há indícios de que tal livro pretende tirar referências que condenam o homossexualismo. Seria uma verdadeira heresia e total desrespeito às autoridades eclesiásticas", diz o deputado.

Pastor Sargento Isidório afirma que esse tipo de publicação abriria precedente para o surgimento de outros livros apelidados de bíblia para segmentos como "homicidas, adúlteros, prostitutas e mentirosos". "Ou seja, livros chamados de bíblia para livrar todo tipo de pecadores", diz o parlamentar.

Fonte: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2190408>

Diferentemente de outros projetos legislativos que proíbem o uso de termos, como é o caso da linguagem neutra/linguagem inclusiva¹⁹, presentes em grande parte das casas legislativas brasileiras, o PL 02/2019, ao criminalizar as práticas linguísticas profanas, atenta contra a liberdade de expressão, uma vez que propõe sanções legais – o descumprimento da medida sujeitará o infrator às penas previstas para os crimes de estelionato (reclusão de 1 a 5 anos) e ofensa a culto religioso –, isto é, o PL parte

19 A esse respeito ver a dissertação de mestrado *Por uma linguística popular (mais) inclusiva: a construção do gênero neutro como dissidência linguística*, de autoria de Robert Moura Sena Gonçalves, defendida no PPGL da UFSCar, em junho de 2022.

do princípio de que a língua e os seus discursos sobre (a língua) fossem propriedades privadas. No entanto, como sabiamente nos diz Paveau (2020): “A língua é um bem comum e os discursos sobre a língua também o são”.

8. Um breve efeito de fim

Por mais que possa emanar um odor de uma prática epistemológica estruturalista, que busca classificar/*taxionomizar* todos os fenômenos (linguísticos, culturais, sociais...), uma espécie de *velha velharia* como disse alhures Paul Henry, com um forte cheiro de naftalina, como afirmou recentemente em outro contexto, uma candidata a presidente do Brasil, referindo-se a correligionários, que decidiram apoiar um candidato de outro partido político, nas eleições presidenciais de 2022, o nosso objetivo neste artigo foi ampliar a classificação proposta inicialmente por Paveau (2005 e 2020) acerca das práticas linguísticas dos não linguistas. Além dessas propostas pela pesquisadora francesa, reescritas em prescritivas, descritivas, intervencionistas e militantes, perquirimos mais duas, a saber, as sagradas e as profanas.

Esse intento se justifica, por um lado, pelo fato de a Linguística popular engendrada no Brasil ainda estar em fase de legitimação, trabalhando sempre numa perspectiva integracionista entre os saberes *folk* e os saberes das ciências da linguagem e, por outro, pelo fato de o contexto político brasileiro, que dia a dia coloca em xeque os pilares da democracia, conquistada a duras penas pelos brasileiros, assim o exigir.

| Referências

ANDRADE, M. A gramatiquinha da fala brasileira. In: ALMEIDA, A. N. (org.). *A gramatiquinha da fala brasileira*. Brasília: FUNAG, 2022. p. 37-123.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BÍBLIA. I Coríntios. In: *BÍBLIA: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução da Editora Santuário. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. p. 1465-1481.

ECO, U. *A busca da língua perfeita: na cultura europeia*. São Paulo: EdUNESP, 2018.

FOUCAULT, M. *L'Ordre du discours: leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

HUSSON, A-C. *Les mots du genre: activité metalinguistique folk et constitution d'un événement polemique*. 2018. Thèse de doctorat, Université Paris XIII, Sorbonne Nouvelle, 2018.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARIGNIER, N. *Les matérialités discursives du sexe; la production du genre dans le discours sur sexes atypiques*. 2016. Thèse de doctorat, Université Paris XIII, Sorbonne Nouvelle, 2016.

PAVEAU, M.-A. Linguistique populaire et enseignement de la langue: des catégories en communes? *Le français aujourd'hui*, v. 151, p. 95 -107, 2005.

PAVEAU, M.-A. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Tradução Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2015.

PAVEAU, M.-A. Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e as crianças-linguistas. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. *Linguística popular/ Folk linguistics: práticas proposições e polêmicas – homenagem a Amadeu Amaral*. Campinas: Pontes Editores, 2020.

Como citar este trabalho:

BARONAS, R. L.; NAZZARI, M. S. As sabenças dos/as linguistas populares. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-48, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.17038>.